

A (des)Construção da Concepção Hegemônica da Infância: um Estudo do Filme Alice no País das Maravilhas

The (des) Construction of the Childhood Hegemonic Conception: a Study of the Film Alice in the Wonderland

Luana Santos Nogueira Garcia^{a*}; Maritza Maciel Castrillon Maldonado^a

^aUniversidade do Estado de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. MT, Brasil.

*E-mail: luaninhanogueira84@gmail.com

Resumo

Este trabalho se insere em um projeto de pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso denominado: “Cinema, Infâncias e Diferença: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo”. Tendo como objetivo discutir a influência do filme: *Alice no país das maravilhas* (1951) para entender como esta obra cinematográfica esfacela, desmonta e desconstrói a idealização de infância. Ainda, se apoia no pensamento de Deleuze (2007) para demonstrar que a vida real é cheia de paradoxos, que fogem da lógica, carregando antagonismos, produzindo múltiplos sentidos e desencadeando diferentes representações. O trabalho tem como proposta metodológica a pesquisa bibliográfica e o estudo reflexivo sobre o filme de Tim Burton. Os resultados deste estudo permitem problematizar e pensar diferentes “concepções” de infância já colocadas e instituídas, que (des)compõe o sentido real de ser criança.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Infância. Paradoxos.

Abstract

This work is part of a research project of Universidade do Estado de Mato Grosso denominated “Cinema, Childhood and Difference: questioning education, school everyday and the curriculum”. In order to discuss the influence of the film Alice in the Wonderland (1951) to understand how this film destroys, disassembles, deconstructs the idealization of childhood. Also, it corroborates the thought of Deleuze (2007) to demonstrate that real life is full of paradoxes that are out of logic, carrying antagonisms, producing multiple senses and triggering different representations. The work has as methodological approach the bibliographical research and the reflective study on the Tim Burton’s film. The results of this study allow to problematize and think about different “conceptions” of childhood already placed and imposed that (des) composes the real sense of being a child.

Keywords: Children’s Literature. Childhood. Paradoxes.

1 Introdução

Muitas literaturas trazem elementos imaginários e mágicos que, em seu interior, conduzem a muitos discursos. Trata-se de histórias que estão disseminadas entre ficção e realidade, baseadas no fantástico inspirado pela fantasia. Neste sentido, este estudo se justifica pela necessidade de saber como os discursos e as representações produzidas, historicamente, sobre a infância são apresentados e retratados em uma das obras literárias mais produtoras de sentidos, como é a obra: *Alice no país das maravilhas*. É por estes fatores, envolvendo temas tão importantes relacionados à escola e à educação que o presente tema foi escolhido para este estudo, com ênfase no fantástico-maravilhoso, e adotando-se a obra cinematográfica *Alice no País das Maravilhas*, de Tim Burton, como objeto de observação.

Em uma primeira aproximação, pretende-se conhecer, explorar e problematizar sobre um dos personagens mais importantes que Alice encontra durante sua jornada pelo

País das Maravilhas, o “Gato de Cheshire”¹. A figura do gato é importante para se entender as diferentes simbologias e representações presentes no filme e desnaturalizar conceitos instituídos historicamente. Nesse sentido, o filme de *Alice no País das Maravilhas* será tomado como *personagem conceitual*, isto é, um intercessor para expor o pensamento (DELEUZE, 2005). A partir da intercessão desta sequência de cenas filmadas e projetadas é que se terá o encontro problematizador com o novo. Este encontro, mediado pelos personagens conceituais, vai produzir, a “criação de signos” (SILVA, 2002) que farão os indivíduos incorporarem e tecerem outros sentidos, isto é, abrirão um leque de alternativas para constituir, “fazer o pensamento pensar” (DELEUZE, 1992) e levar em conta não apenas aquilo que está colocado, mas também ver as coisas através de um olhar sensível, para tentar entender o que já está instituído.

A vista disso, a pergunta feita pela Lagarta Azul: “Quem é você?” para a Alice é o que move o pensamento neste texto. Pergunta que traz um desconforto para Alice e a faz se

1 Em português também conhecido como Gato que Ri, Gato Risonho ou Gato Listrado (GONÇALVES, 2012).

questionar sobre sua identidade, sobre quem é o seu verdadeiro eu, bem como permite pensar e repensar o indecifrável, o “enigma da infância” que Larrosa (2004) tanto fala.

2 Material e Métodos

A metodologia adotada para realizar este trabalho foi uma abordagem qualitativa que, segundo Lüdke e André (1986, p.13): “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”. Nessa mesma linha de raciocínio, Chizzotti (1998, p.102) argumenta que a pesquisa qualitativa é: “um marco de referência de complexas condições socioculturais, que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação”.

Utiliza-se como instrumentos de coleta de dados a pesquisa bibliográfica. Adota-se também como objeto de estudo, isto é, como intercessor para movimentar a pesquisa, o filme de Tim Burton, denominado *Alice no País das Maravilhas*, que possibilita identificar como as representações presentes no filme estão interpeladas de significados ocultos.

3 Resultados e Discussão

3.1 O filme e o que este leva a pensar

Do gênero animação infantil, o longa metragem é um clássico produzido pela Disney, lançado em 1951. Com a direção de Tim Burton, o filme é uma adaptação do livro escrito por Lewis Carroll em 1865. A obra, na época de seu lançamento, foi muito criticada e considerada um fracasso, já que não atraiu o público, por ser um pouco diferente da obra original. Com o tempo, o longa ganhou status de “clássico” pelo público, especialmente, por ser totalmente fora dos padrões dos filmes da Disney e pela sua trilha sonora.

O filme narra a história de Alice, uma menina muito curiosa que se sente sozinha e entediada por ter uma vida tão monótona. Segundo Benjamin (2006, p.145): “sentimos tédio quando não sabemos o que estamos esperando”. Até que um dia, Alice adormece ouvindo a leitura que sua irmã estava fazendo. No sonho, ela segue um coelho branco todo apressado e acaba caindo no País das Maravilhas, experimentando uma série de “acontecimentos puros” (DELEUZE, 2007, p.2). Lá ela encontra um mundo de incertezas e desencontros, em que tudo é surreal, ou seja, foge a lógica e o padrão da normalidade. Alice se aventura em um universo *mágico*, *fabuloso* e *paradoxal*, repleto de animais falantes e seres fantásticos/incríveis, que se comportam de forma estranha e

fazem Alice entrar no caos consigo mesma. Os (des) encontros de Alice para encontrar o coelho branco e voltar para casa a fazem criar possibilidades infinitas, diferentes interpretações e a compreender a “verdadeira lógica dos sentidos”.

O (des) encontro com os personagens principais: Chapeleiro Maluco, Gato de Cheshire, Coelho Apressado, Lagarta Azul, Gêmeos (Tweedledee e Tweedledum) e a Rainha de Copas fazem Alice perder sua razão, sua identidade e percorrer toda a *Wordeland* mudando de tamanho toda hora, conhecendo flores que cantam, acumulando dúvidas sobre qual caminho a seguir e tendo diálogos que não fazem sentido. Esta louca aventura faz Alice se encontrar com a injusta e cruel Rainha de Copas e seu exército de cartas. O desfecho deste encontro foi um julgamento, realizado pela Rainha, para decidir se cortava ou não a cabeça de Alice. No entanto, a mesma confrontou a Rainha, sem se importar com as suas ameaças. Entretanto, várias cartas de baralho se atiraram contra Alice, mas ela começou a crescer e revidou dizendo: “Não tenho medo! São apenas baralhos de cartas...” (CARROLL, 1951). Nesse momento, começou uma perseguição para pegar Alice, mas a mesma consegue sair pela porta pela qual havia entrado no início do filme e, por fim, acorda daquele sonho onírico fantástico. Enfim, esta história repleta de simbolismos narrativos mostra que a diferença, a incerteza, a dúvida, a confusão e os desafios só fazem parte da vida de quem ousa experimentar o novo e de quem se permite aventurar em um País das Maravilhas, como Alice o fez.

Conforme se pode ver, este lugar de loucos, do fantástico¹-maravilhoso², do *nonsense*³ (des)constrói o bom senso⁴ como o único sentido e faz pensar sobre as inúmeras possibilidades sobre o ser e o tempo. Na medida em que Alice tem o encontro com o País das Maravilhas, ela passa a se constituir, se descobrir e aprender as possíveis significações que permeiam a sua vida, por meio do mundo obscuro, indecifrável e enigmático, da sua imaginação. Consequentemente, esta combinação do mundo mágico e do mundo real permite compreender e dar sentido ao mundo e para as pessoas (DELEUZE, 2007). Portanto, ao problematizar, questionar e pensar uma fantasia (como fez Alice), também se está aprendendo a lidar com o mundo real, logo, a partir da realidade se cria a fantasia. À vista disso, pensar e problematizar o filme “Alice In Wonderland” faz perceber que a fantasia nada mais é do que a realidade pragmática, criada e apreendida nas pessoas, que faz ser o que cada ser é através de ordens discursivas e de “verdades internalizadas” (FOUCAULT, 1996).

De fato, as aventuras de Alice e de “muitas outras narrativas, que, às vezes, podem parecer infantis, divertidas

2 O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural (TODO-ROV, 1975).

3 O maravilhoso se desenvolve no cotidiano mágico (animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, objetos mágicos, gênios, duendes etc.) e tem como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática, concreta) (COELHO, 1987).

4 Elemento impossível/sem-sentido (DELEUZE, 2007).

5 O bom-senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável (DELEUZE, 2007).

ou absurdas, na realidade, carregam uma significativa herança de sentidos ocultos” (OLIVEIRA, 2010, p.44). E, sobretudo, estas oferecem “possibilidades de interpretação infinitas” (DELEUZE, 2007, p.48).

3.2 O curioso gato de Cheshire

O gato de Cheshire, também conhecido como o Gato que Ri, Gato de Alice, Gato Risonho ou Gato Listrado, é um Gato fictício, personagem mais célebre e carismático da obra *Alice no País das Maravilhas*. Este personagem ficou famoso devido ao seu “sorriso sem gato”, expressão criada por Lewis Carroll para descrever a forma com que ele desaparece deixando apenas o seu sorriso. Durante a aventura de Alice no fantástico País das Maravilhas, ela acaba se encontrando com o curioso gato de Cheshire, que tem a habilidade de aparecer e desaparecer. O ilustre Gato, além de ser o mais misterioso personagem da obra, é também o mais intrigante e preferido pelos leitores, pois traz muitas alusões e reflexões filosóficas. Veja-se:

Alice estava perdida no País das Maravilhas e então trava uma conversa com o Gato de Cheshire para saber como sair daquele lugar. Então a menina pergunta ao Gato: -Eu só quero saber que caminho tomar. -Isso depende do lugar aonde quer ir, disse o gato. Alice respondeu: -Oh... Realmente não importa desde que eu... -Então não importa que caminho tomar, interrompeu o gato (CARROLL, 1951).

Ao estabelecer este diálogo metafórico, para saber como sair daquele universo estranho, o Gato faz Alice entrar no caos, através de respostas inexatas e indiretas, que levaram a menina a pensar, questionar, trilhar caminhos múltiplos e ir se constituindo enquanto múltipla, plural, enigmática. Ela já não sabe onde está e o que vai acontecer. É neste exato momento que Alice se perde e se vê frente a dois caminhos, sendo puxada por dois lados distintos, porém como ir a dois sentidos ao mesmo tempo? Ora, pois, Alice está no devir louco. Através desta afirmação, nota-se que o percurso seja a relação estabelecida entre o sorriso e o Gato, pois “não importa o início ou o fim, mas o meio, o percurso, a travessia, o devir” (FABRÍCIO, 2012, p.42). Segundo Deleuze (2007, p.1) é o “devir sem medida, verdadeiro devir-louco que não se detêm nunca, nos dois sentidos ao mesmo tempo, sempre furtando-se ao presente, fazendo coincidir o futuro e o passado”. E por isso, ao se deparar com aquele lugar novo e desconhecido, Alice perde sua identidade e se constitui outra.

Cabe, também, aqui frisar como estas narrativas quebram esta ideia de pensamento e fazem despertar na pessoa um sujeito diferente de quem se era antes de adentrar no “País das Maravilhas”. Basta apenas possibilitar a composição do outro neste sujeito, problematizar, fazer o pensamento pensar

e *tirar a pele*, isto é, pensar de outra forma, pois é o olhar que vai legitimar as diferenças. É precisamente esta noção que se precisa ter para compreender a relação entre imaginação e realidade, como se verá adiante.

3.3 Uma conversa sobre o “in real” e o “in magic”

Como visto anteriormente, ao assistir o filme de Alice, pode-se entrar em um universo que engloba o extraordinário e o inexplicável, que foge da explicação da ciência e do que a sociedade (senso-comum) considera como “natural”. Sentir a multiplicidade de Alice faz se distanciar do *real*, das noções de *normalidade* e do que é *possível*. Quando alguém se transporta para o mundo mágico, desafia a razão e encontra o sobrenatural, o impossível e o inacreditável. Portanto, o mundo mágico faz entrar em outra dimensão, na qual não se sabe o que vai acontecer e o que se vai encontrar. Paradoxalmente, o que importa são as ligações entre o percurso e o devir. Nesse sentido, o *in magic* é rizomático⁶, pois é constituído e derivado pela heterogeneidade, uma vez que podem ser fixados um ao outro, simultaneamente, sem uma ordem preestabelecida, ou seja, este “não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.4).

A transição do mundo mágico para o mundo real, às vezes, é um tanto dolorosa, pois a pessoa sai de um lugar em que tudo é possível para adentrar no plano transcendental, em que tudo é perceptível, fundamentado pela verdade, por meio da consciência. Nessa perspectiva, ao considerar a diferença entre o *in magic* e o *in real*, estabelece-se o objetivo deste estudo: entender as diferentes interpretações de conceitos, instituídos historicamente, sobre a infância a partir do filme de Tim Burton. Começa-se por um destaque de Deleuze: “no mundo adulto a criança é afetada por uma certa impotência motora, mas que aumenta sua aptidão a ver e ouvir” (DELEUZE, 2005, p.12). Esta impotência é percebida na Alice de Lewis Carroll, uma vez que esta vive em uma zona de conforto, na qual é suscetível e impossibilitada de se submeter ao acontecimento. No momento em que Alice sai da sua zona de conforto e se depara com um mundo paradoxal e desconhecido, ela se transforma, sofre mutações e passa a produzir sua própria subjetividade, pois conforme Deleuze (2007), é a partir do encontro com o outro que o acontecimento acontece. Nesse sentido, assim como Alice, as crianças precisam de um espaço-tempo que oportunize a produção de subjetividade; precisam entrar no caos para que o acontecimento aconteça. A subjetividade, nos estudos de Benveniste (1991, p.288), é entendida como: “a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. É a partir desta proposição que as crianças

6 Rizoma é um caso de sistema aberto. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem é preciso criar os conceitos, e há aí tanta criação quanto na arte ou na ciência (DELEUZE, 1991).

7 O brilho, o esplendor do acontecimento, é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. Ele é o que deve ser compreendido, querido, representado no que acontece (MALDONADO, 2009).

vão estabelecer uma relação intrínseca com a linguagem, pois “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”.

A criança constrói sua subjetividade através da relação estabelecida com o mundo e com o outro. Alice foi um grande exemplo disso, pois através do seu encontro com um mundo incomum e estranho, ela pode se perceber enquanto sujeito. É através desta fuga da realidade que as crianças, da mesma forma que Alice, aprendem a olhar o mundo e ela mesma de uma forma diferente. Tais acontecimentos propiciam o surgimento de experiências, da constituição de identidade e da interação com o outro. É através de todo este viés que as crianças vão se tornando autoras de suas próprias práticas culturais. Além disso, entrar no caos possibilita a apropriação do novo, pois a partir de suas experiências, vivências e, principalmente, da imaginação, que a criança constitui o seu *eu*. Quanto mais as crianças observam, problematizam e experimentam, mais potencializada será a sua imaginação, ou seja, quanto mais estimulada for a imaginação das crianças, mais elas vão se apropriar de novos conhecimentos sobre o mundo. Então, percebe-se que a imaginação se relaciona e está ligada com as experiências que são adquiridas diariamente. Assim, quanto mais experiências as pessoas tiverem, mais ricas serão as fantasias. Segundo Vygotsky (1984), a imaginação das crianças flui de maneira diferente de um adulto, porque as crianças não reprimem suas fantasias, elas têm a imaginação mais rica e fértil, assim, vivem de maneira espontânea. Já os adultos têm a capacidade de racionalizar ao mesmo tempo com que fantasiam e, assim, ambos se complementam.

Em suma, o filme de Tim Burton faz pensar a infância de outra forma, ou faz repensar e rever o que se considera que seja a infância. Para Larrosa (2004, p.184), pensar na infância é pensar em algo que:

[...] nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher. A infância, a partir deste ponto de vista, não é outra coisa que o objeto de estudo de um conjunto de saberes mais ou menos científicos, a presa de um conjunto de ações mais ou menos tecnicamente controladas e eficazes, ou o usuário de um conjunto de instituições mais ou menos adaptadas às suas necessidades, às suas características ou à sua demanda.

Tal conceito é desestabilizador, já que a alteridade da infância leva a uma região na qual não regem as medidas do saber e do poder (LARROSA, 2004). Não obstante, o verdadeiro não está no padrão que está imposto, mas na arte do encontro, na composição do outro em outro sujeito. Portanto, a infância é o outro:

o que, sempre muito além do que qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio no qual se abisma

o edifício bem construído de nossas instituições de acolhida. Pensar a infância como algo outro é, justamente, pensar essa inquietude, esse questionamento e esse vazio. É insistir mais uma vez: as crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua (LARROSA, 2004, p.184).

Se o plano de transcendência diz o que é infância, conseqüentemente, não vai haver espaço para a imanência (não tem verdade) e o educador, diante disso, vai apenas reproduzir aquilo que já está instituído, pois considera ser uma verdade absoluta. Por isso, não se deve ficar buscando respostas para definir o que é a educação ou o que esta representa na formação de um indivíduo, pois “estamos a reproduzir padrões de comportamento os quais mostram-se falhos, reincidindo em erros” (SILVA, 2015, p.4). Deve-se, por fim, buscar desconstruir padrões de comportamento e parar de reproduzir informações preestabelecidas para, assim, abrir espaço para a arte de criação. No entanto, para que se concretize tal perspectiva é preciso acreditar na mudança. Para ser mais específico se expõe uma frase célebre de Juan de Mairena, que propicia pensar neste assunto: “Houve um pedagogo: chamava-se Herodes⁸”. Através desta frase se deve fazer um questionamento: E os educadores será que têm esta atitude de Herodes? Será que querem controlar o futuro e ações das crianças, tirando as suas possibilidades e colocando-as em um regime estável e totalitário que a sociedade tem como modelo padrão? É com esses questionamentos que se deve parar e pensar em quais crianças se quer formar. No entanto, ao propor tais questionamentos e mudanças educativas, os profissionais da educação, a comunidade escolar, inclusive, o currículo da escola, devem se atentar para as questões descritas por Skliar (2003): o que é aquilo que deve mudar? Quem é o sujeito enunciado na mudança? Como deve ser produzida a mudança? Onde se realiza a mudança? Que tipo de racionalidades subjazem na mudança? Há de se entender, portanto, que a arte do encontro e da composição faz com que a educação aconteça e o que vai tornar isso possível é o acontecimento (DELEUZE, 2007).

4 Conclusão

Ao demonstrar uma Alice curiosa, autônoma e questionadora, Tim Burton proporciona pensar, problematizar a representação das crianças e a percebê-los como seres de múltiplos conhecimentos e múltiplas conexões, que através das vivências com os cotidianos (re)constróem subjetividade e se constituem como sujeito. O filme, portanto, possibilita o encontro com a infância que, muitas vezes, não se quer ver e/ou não se reconhece como condição própria, particular e específica de ser. Assim, a obra contribuiu para pensar nas diferentes “concepções” de infância já colocadas e instituídas, que descompõem o sentido real de ser criança, ou seja, é a partir

⁸ Herodes quer controlar o futuro e tem medo que o nascimento de algo novo ponha em perigo a continuidade de seu mundo. Daí, o fato totalitário por excelência: matar as crianças para eliminar do mundo a novidade que poderia ameaçá-lo.

daí que se ressalta a importância do profissional de educação atentar para estes diferentes imaginários de infância, que estão a sua volta e como a mídia constitui uma verdade sobre esta que, na maioria das vezes, é falha e equívoca.

É para estas questões que o educador deve se voltar para, então, sair desta leitura de entrelinhas, isto é, desconstruir as mesmas práticas educativas que naturalizam esta ideia de pensamento. Pois, só assim entenderão que a ideia do trabalho pedagógico com as crianças, não é mudar a realidade ou transformar a educação, mas sim favorecer a problematização e questionar tais circunstâncias. Na prática, o educador só vai se constituir quando tiver o encontro com o caos, que o desestabilize e o faça pensar além daquilo que já foi pensado, pois só a partir deste encontro problematizador e da mudança, o currículo deixa de ser estático e passa a ter movimento.

Referências

- BENJAMIN, W. *Passagens*. Organização da edição brasileira de Willi Bolle. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: *Problemas de lingüística Geral I*. 3 São Paulo: Pontes, 1991.
- BURTON, T. *Alice no País das Maravilhas*. Produção: Tim Burton, Joe Roth, Jennifer Todd, Suzanne Todd e Richard D. Zanuck. Walt Disney Studios. 2010. 1 DVD (109 min). Estados Unidos da América.
- COELHO, N.N. *O Conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.
- DELEUZE, G. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. Perspectiva, 2007.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed 34. 1992.
- DELEUZE, G; GUATARRI, F. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 1995.
- DELEUZE, G. Mil platôs não formam uma montanha, eles abrem mil caminhos filosóficos. In: ESCOBAR, C.H. *Dossie Deleuze*. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.
- FABRÍCIO, D.C. Alice cresceu, diminuiu, cresceu... coube e descobre nas medições do mundo: Uma leitura de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2012.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GONÇALVES, H.B. Entrando na toca do coelho: Alice, o País das Maravilhas e o mundo através do espelho na educação. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2012.
- LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. São Paulo: Autêntica, 2004.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.
- MALDONADO, M.M.C. Espaço pantaneiro: cenário de subjetivação da criança ribeirinha. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009.
- OLIVEIRA, P.S.T. A contribuição dos Contos de Fadas no processo de aprendizagem das crianças. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2010.
- SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- SILVA, L.F. Desconstruir para edificar: uma visão acerca da infância e uma proposta para sua compreensão através da chave da mudança. *Literatura e Autoritarismo*, n.15, 2015. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/images/8_Laryssa.pdf
- SILVA, T.T. *A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze*. *Rev. Educ. Real.*, v.27, n.2, p.47-57, 2002.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. Martins Fontes: São Paulo, 1984.